

TRADIÇÃO E ARTIFÍCIO

Rubem
BARBOZA FILHO

Iberismo e barroco na formação americana



**Ateliê de Humanidades
Editorial**

TRADIÇÃO E ARTIFÍCIO

Rubem Barboza Filho

TRADIÇÃO E ARTIFÍCIO

iberismo e barroco
na formação americana



Ateliê de Humanidades
Editorial

Título – *Tradição e artifício: iberismo e barroco na formação americana*

Autor: Rubem Barboza Filho

2ª edição (revista e ampliada) – 2025, Rio de Janeiro – RJ

1ª edição – Editora UFMG, 2000, Belo Horizonte – MG

ISBN: 978-65-86972-38-2

atelièdehumanidades@gmail.com / www.atelièdehumanidades.com

© Ateliê de Humanidades

Ateliê de Humanidades Editorial

Rua Juparaná, 63, casa 03 – Andaraí, Rio de Janeiro, RJ

CEP: 20541-135

Tel: 21-97979-3743 / 21-98260-9154

Coordenação editorial:

André Ricardo do Passo Magnelli

Coordenação executiva:

Leislane Almeida do Passo Magnelli

Editoração e revisão final:

André Magnelli

Capa e projeto gráfico:

Afrodite Sá Peixoto

B239

BARBOZA FILHO, Rubem (autor)

Tradição e artifício: iberismo e barroco na formação americana.– Rio de Janeiro : Ateliê de Humanidades Editorial, 2025 (2ª edição).

582 p.

(Biblioteca do Pensamento Político)

ISBN 978-65-86972-38-2

1. Ciências Sociais. 2. Modernidade. 3. Ibéria e América Latina. 4. Barroco. I. Barboza Filho, Rubem. II. Título.

CDD 300

Sumário

PREFÁCIO À 1ª EDIÇÃO – <i>Luiz Werneck Vianna</i>	09
PREFÁCIO À 2ª EDIÇÃO. TRADIÇÃO E ARTIFÍCIO: UM CLÁSSICO DA FORMAÇÃO IBERO-AMERICANA – <i>André Magnelli</i>	15
APRESENTAÇÃO	25
I. A IBÉRIA E SUA TRADIÇÃO	31
A paideia do Ocidente	31
A <i>hidalguía</i> ibérica na autocriação ocidental	37
O labirinto da tradição (1): Espanha	46
<i>Miguel de Unamuno e o mito da hispanidade</i>	46
<i>Ortega y Gasset e a europeização da Espanha</i>	54
<i>A geração do "Segundo Século de Ouro"</i>	59
O labirinto da tradição (2): Portugal	62
<i>Alexandre Herculano e a busca das raízes portuguesas</i>	64
<i>Antero de Quental e política do iberismo</i>	67
<i>Teófilo Braga e Eça de Queiroz: entre o positivismo e a ironia</i>	71
<i>Jacobinos e antijacobinos no início do século XX</i>	74
<i>A Renascença Portuguesa e o programa de Antônio Sérgio</i>	77
<i>O sebastianismo de Fernando Pessoa</i>	81
Quando a Europa convoca a Ibéria	88
II. O DEBATE HISTÓRICO SOBRE OS SÉCULOS DE OURO DA IBÉRIA	93
A construção do absolutismo na Ibéria (Perry Anderson)	95
O equilíbrio do poder e as autonomias locais (Antonio Manuel Hespanha)	100

Territorialismo ibérico e capitalismo genovês (Giovanni Arrighi)	109
A hispânia no capitalismo mediterrâneo (Fernand Braudel)	116
A via ibérica na modernidade (Richard Morse)	122
Compreender as entranhas da Ibéria	131
III. A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA IBÉRIA MEDIEVAL	137
A Espanha Visigótica	137
Al-Andaluz	145
Marcas da Hispânia e Catalunha	152
Os reinos cristãos do norte	155
A reconquista e a consolidação dos reinos ibéricos (Castela, Aragão, Navarra e Portugal)	161
IV. AS PREMISSAS E ALTERNATIVAS DO OCIDENTE	181
As fundações agostinianas	185
Providencialismo e teocracia pontifical	203
O problema dos universais (Pedro Abelardo)	214
A síntese de Tomás de Aquino	217
Teologia da vontade (Duns Scot) e dissolução nominalista (Guilherme de Ockham)	236
A noção de Coroa e os dois corpos do Rei	241
O poder secular no humanismo italiano (Dante, Marsílio de Pádua, Petrarca e Maquiavel)	248
A via do humanismo setentrional (Erasmus)	262
A revolução protestante (Lutero e Calvino)	265
V. A DINÂMICA ESPACIAL DA IBÉRIA	273
Um territorialismo expansivo e excêntrico	275
O <i>ethos</i> de uma aristocracia salvadora	278

Franciscanos, dominicanos e Ramón Llull	285
O <i>sacerdotium</i> do rei	292
Distribuição da justiça e reiteração da tradição	302
Da máquina de guerra ao comércio e às navegações	312
VI. ABSOLUTISMO E NEOTOMISMO NA IBÉRIA DO SÉCULO XVI	327
Tradição, mobilidade e poder real	327
As questões do enigma ibérico	350
<i>Questão América</i>	351
<i>Questões europeia e protestante</i>	359
<i>Questões Galileu, judaica, mourisca e turca</i>	362
O horizonte do neotomismo	367
<i>Francisco de Vitória: lei natural e autonomia americana</i>	372
<i>Francisco Suárez: epiquía, justiça animada e soberania</i>	377
<i>Ius gentium e o fim do império universal</i>	389
<i>Uma teoria institucional da Igreja</i>	392
A modernidade neotomista: um programa à Ibéria	395
VII. O BARROCO IBÉRICO	401
Perspectiva geral do Barroco	401
O Barroco como gnose	410
<i>Os barrocos, em especial o espanhol</i>	414
<i>O barroco em Portugal</i>	435
VIII. RUPTURAS E INDEPENDÊNCIAS NO SÉCULO XVIII	451
O movimento da Europa	451
O movimento da Ibéria	470
<i>A modernização espanhola e a perda da América</i>	472

<i>A modernização portuguesa e o iluminismo de Estado</i>	478
<i>O artifício barroco: Estado sive sociedade</i>	495
O movimento da América	508
<i>Hispano-América</i>	509
<i>Luso-América</i>	537
CONCLUSÃO	557
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	565

Apresentação

Reeditado, após vinte e cinco anos, por obra e graça do jovem brilhante, corajoso e incansável André Magnelli, editor do *Ateliê de Humanidades*, este livro trata de “origens e fins”, título de um livro de Otto Maria Carpeaux. Das origens e fins da grande tradição ibérica, com sua particularidade em relação ao movimento da Europa central. E do legado que ela deixou na aventura chamada América, em especial na história do Brasil, pela presença de um Barroco especial que nos permitiu a criação de uma forma de vida original e produtiva nestes trópicos, que nada têm de tristes. Quando me refiro ao fim da tradição ibérica, estou longe de afirmar que Portugal e Espanha perderam suas histórias e suas grandes narrativas de sentido, agora que estão na Europa. A hipótese básica deste livro é que a Ibéria teceu a singularidade de sua tradição por um movimento territorialista – a busca permanente de novos espaços – para fora da Europa, ao longo de quase um milênio de história, ampliando decisivamente a consciência planetária que surge com o Ocidente moderno. A sua imersão recente na dinâmica europeia é também um giro espacial e territorial, que não lhe regateia desafios relativos ao protagonismo que pode desfrutar em uma nova experiência histórica. Desse modo, é um fim que também é um recomeço, e que não implica o esquecimento do passado ou da América que ela fez nascer.

De uma forma mais precisa, os ibéricos se empenharam em desenvolver uma variante civilizacional do Ocidente que tinha no espaço – metageograficamente concebido – a sua categoria básica e fundante. Durante séculos, eles se movimentaram por uma fome insaciável de espaço, de novos territórios, consolidando o territorialismo como determinação intrínseca à sua forma de vida. O conjunto de valores e instituições que estabeleceram, ao longo do tempo e no plano político, econômico e cultural, obedecia às necessidades e à dinâmica desta expansão permanente, incorporada como elemento de estabilidade de suas próprias sociedades, de legitimação de seus centros de poder e de realização de significados vitais nascidos do transcendente ou recriados pela figura do rei durante os Séculos de Ouro. Mas existe ainda uma característica desta singularidade histórica: os iberos sempre se reconheceram como a fronteira aguerrida do Cristianismo, seja nos seus inícios, na guerra de Reconquista de seus antigos territórios das mãos dos árabes e na expansão pela África, América e o Oriente.

O avanço sobre o planeta se deu simultaneamente à criação da modernidade ocidental, que altera a face do mundo, a partir dos séculos XV, XVI e XVII. Um vasto processo que explodia o horizonte do cristianismo – ou do catolicismo – como autoconsciência europeia, e abria caminho para a sociedade do tempo, da história, dinamizada pela natureza fáustica do capitalismo. Grande parte da historiografia tradicional, mesmo na Europa ou nos Estados Unidos, afirmava o fracasso da Ibéria em acompanhar este processo de subjetivização da vida, razão pela qual se perdeu na ascensão do Ocidente moderno, imobilizada por um tradicionalismo mortal. Neste livro, exploro outra hipótese: nos chamados Séculos de Ouro, no auge de seu poder e relevância, a Ibéria explorou um caminho próprio para a sua “modernidade”, ao se atribuir a responsabilidade por responder à avalanche de desafios, provocados por velhos problemas e novíssimas questões que ameaçavam a sua concepção

arquitetônica do mundo e das sociedades. Numa perspectiva mais sistemática, ela desenvolve o neotomismo dos dominicanos e jesuítas, uma reflexão filosófica e teológica que nada ficava a dever às suas congêneres europeias. E afirma a sua via própria de modernização pelo Barroco, que transforma a sua forma de vida em objeto da eleição de subjetividades imantadas pelo desejo de preservar a sua própria tradição. Que não era aquela do individualismo anglo-saxão ou do racionalismo francês, mas tão moderna quanto estas.

Espanha e Portugal se tornam “sombras doidas” da Europa, no dizer de Oliveira Martins, quando perdem a América, e os velhos impérios se reduzem aos seus territórios peninsulares e a um pálido colar de colônias. A Ibéria perdera o “espaço”, a categoria determinante de sua experiência e tradição. Durante quase duzentos anos, se debateu entre a preservação de suas mais que milenares tradições ou a abertura e integração à Europa. Ao final do século passado, a Europa se apresentou como seu destino, na construção da Comunidade Europeia. Investigar esta sociedade espacial da Ibéria é também examinar as origens e modalidades de vida construídas na América Ibérica. Que nasce como sociedade do espaço, mas de um espaço livre da rigidez das tradições de Portugal e Espanha. A América Hispânica é barroca, mas dona de um barroquismo diferente daquele da Península: ele não se presta à reafirmação gnóstica da tradição, como na Espanha e Portugal, mas se desenvolve como forma de vida criada pelo violento “encontro” de povos diferentes e diversos, obrigados a sacrificar os seus sistemas simbólicos e a coerência de seus horizontes para a convivência e a sobrevivência numa imensidão hostil.

Neste livro, investigo como este barroquismo ofereceu às elites americanas o horizonte e o combustível para a criação de suas jovens comunidades políticas. É este barroquismo que preside o encontro com a sociedade da “história” e do capitalismo, que incorpora o liberalismo como instrumento cognitivo

do mundo, reduzindo-o simultaneamente a um universo axiológico disponível para o saque, para a incorporação submetida ao cálculo realista da vontade política. A forma específica de autoconstrução da América Ibérica independente reside nesta aparente arbitrariedade com que vive e vincula seu passado aos produtos ideológicos do mundo moderno, fazendo-se permanentemente insubmissa aos códigos proclamados como universais pela Europa e o mundo anglo-saxão. Se neste livro que entrego ao leitor examino as movimentações entre as elites para a formação de novas comunidades políticas, em *Sinfonia Barroca: o Brasil que o povo inventou*, outro volume que vem à luz junto com a reedição de *Tradição e Artifício*, cuido de explorar, com base nas pesquisas mais recentes, a forma como o povo brasileiro se construiu e se inventou ao longo dos nossos três primeiros séculos, uma aventura surpreendente e poderosa que pode hoje nos inspirar diante da crise que estamos a viver.

Ao encerrar esta apresentação, gostaria de renovar os agradecimentos que fiz quando da primeira edição deste livro: à professora Margarida Salomão, então reitora da UFJF, aos meus colegas de departamento, Helena Motta, Leila Amaral e Carlos Alberto Hargreaves Botti, sem esquecer Claudia de Azevedo Leite, levada por um raro câncer ainda jovem. Nesta edição original, me referi ainda, com gratidão e admiração a três mestres e amigos: Fábio Wanderley Reis, Luiz Werneck Vianna – meu orientador no mestrado e no doutorado – e a José Murilo de Carvalho. As mortes de Werneck e José Murilo (que iria fazer a orelha desta segunda edição) me deixaram um enorme sentimento de perda e tristeza. E uma vontade de ir adiante, por eles e por todos os que ainda convivem comigo. E agradeço profundamente a André Magnelli, o editor do *Ateliê*

de Humanidades, que insistiu, nos últimos anos, em produzir esta segunda edição; e ao jovem e brilhante intelectual espanhol, Pablo González Velasco, editor do jornal *El Trapezio*, pela excelente orelha a esta publicação.

Por fim, dedico este livro à minha esposa, Eleuza, e aos meus filhos, Guilherme e Tiago. Sem eles, eu não teria a força para me lançar nesta enorme aventura de decifrar a Ibéria e sua tradição, que ressoa ainda em nossa vida brasileira. E o ofereço ainda à memória de meus pais, Rubem de Assis Barboza e Waldira Rocha Barboza.

Coleção

Biblioteca do Pensamento Político

A *Biblioteca do Pensamento Político* publica autores e livros de teoria e filosofia política, sendo eles nacionais ou estrangeiros, clássicos ou contemporâneos. Ela visa, em primeiro lugar, publicar obras que desenvolvam, histórica e/ou sistematicamente, conceitos, categorias e problemas fundamentais do pensamento político. Além disso, ela tem o intuito de trazer textos que esclareçam (de forma analítica, comparativa, compreensiva e/ou normativa) as questões políticas do tempo presente, dando atenção especial aos desafios e mutações das democracias contemporâneas.

Direção da Série

André Magnelli – Ateliê de Humanidades

Diogo Cunha – UFPE

Livros publicados

- O século do populismo: história, teoria, crítica, *Pierre Rosanvallon*
- A contrademocracia: a política na era da desconfiança, *Pierre Rosanvallon*
- Democracia e verdade: uma breve história, *Sophia Rosenfeld*
- A democracia desafiada: recompor a política para um futuro incerto, *Marco Aurélio Nogueira*
- A legitimidade democrática: imparcialidade, reflexividade, proximidade, *Pierre Rosanvallon*
- A sociedade dos iguais, *Pierre Rosanvallon*
- Tradição e artifício: iberismo e barroco na formação americana, *Rubem Barboza Filho*
- Sinfonia barroca: o Brasil que o povo inventou, *Rubem Barboza Filho*

Próximos livros

- A sociedade em laços: teoria do vínculo social, *Serge Paugam*
- O bom governo, *Pierre Rosanvallon*

Ateliê de Humanidades Editorial

Rua Juparaná, 63, casa 03 – Andaraí, Rio de Janeiro, RJ

CEP: 20541-135

Tel: 21-97979-3743 / 21-98260-9154

Coordenação editorial:

André Ricardo do Passo Magnelli

Coordenação executiva:

Leisliane Almeida do Passo Magnelli

Capa e projeto gráfico:

Afrodite Sá Peixoto

FONTES: Neco e General Sans

TAMANHO: 14 cm X 21 cm

PAPEL: Pólen Natural



Reeditado, após vinte e cinco anos, este livro trata de “origens e fins”, título de um livro de Otto Maria Carpeaux. Das origens e fins da grande tradição ibérica, com sua particularidade em relação ao movimento da Europa central. E do legado que ela deixou na aventura chamada América, em especial na história do Brasil, pela presença de um Barroco especial que nos permitiu a criação de uma forma de vida original e produtiva nestes trópicos, que nada têm de tristes.

Numa prosa que alia, com rara felicidade, precisão e beleza, Rubem Barboza Filho percorre o edifício intelectual do Ocidente – o mundo greco-romano, o cristianismo, o humanismo, a Reforma Protestante e o Esclarecimento. E nos lega uma certeza: somos, a Ibero-América, diferentes, e só conhecendo e exercitando esta diferença poderemos encontrar o nosso lugar no Ocidente.



O passado sempre retorna, ou melhor, ele nunca vai embora. Ele vem de volta com a missão de se infiltrar inconscientemente nos espaços vazios do presente. Se for ignorado, maldiz e, se não for domado, se vinga. É sempre melhor aceitá-lo, crítica e humildemente, na sua integridade e com seus paradoxos, como um dom de todos os antepassados. Felizmente, o bumerangue que nos chega do passado – exatamente 25 anos depois – é a *magnum opus* de Rubem Barboza Filho.

Tanto a revalorização da cultura produzida no coração das raízes civilizacionais ibero-tropicais, quanto a recuperação de autores ibéricos nos ajudam a reequilibrar as análises, com base na necessidade de ler a todos, sem exceções geográficas, purificando a ingestão acrítica das “lendas negras” sobre a Espanha e os mais variados mal-entendidos. Entender a formação, a ascensão e o colapso da primeira modernidade ibérica é uma outra forma de compreender o fenômeno da dependência. Essa intra-história é fundamental antes de querer assemelhar-se a civilizações de matriz não ibérica, sejam elas anglo-saxônicas, russas, do centro-norte europeu ou asiáticas, por razões de desenraizamento compulsivo.

O iberismo (neo)barroco nos oferece um paradigma interpretativo ibero-americano que não podemos desperdiçar. Este manual será muito útil para estudantes de História Ibérica ou para qualquer pessoa interessada na interpretação filosófica, política e antropológica da civilização luso-brasileira e ibero-americana.

Como espanhol, direi que qualquer interpretação da Ibéria, ou seja, da Espanha e de Portugal, feita por um brasileiro costuma ser construtiva, dada a dimensão do país, seu intenso iberismo cultural e seu passado imperial. Se somarmos isso à perspectiva do autor, que domina os debates sobre o “ser” e o “estar” da Espanha e de Portugal, a obra nos oferece um ângulo que nos ajuda a ver com clareza nossa própria terra, cujas raízes são compartilhadas por todos os ibero-americanos. Esse *iberismo metodológico*, visto do Brasil, é uma garantia de equilíbrio luso-espanhol, na certeza de que os mundos português e hispânico têm tantas diferenças quanto semelhanças, tantas desconfianças quanto admirações, no caminho de uma necessária integração geopolítica.

PABLO GONZÁLEZ VELASCO



Ateliê de Humanidades Editorial
www.ateliedehumanidades.com



Rubem Barboza Filho (1950...) é professor titular do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da mesma universidade. Tem graduação em Filosofia (UFJF), mestrado (UFMG) e doutorado (IUPERJ) em ciência política. Foi Secretário de Governo da Prefeitura de Juiz de Fora, membro do Conselho Curador da FAPEMIG e Coordenador do PPGCS-UFJF. É atualmente membro do Conselho Permanente da *Associação Iberoamericana de Filosofia Política*, que reúne pesquisadores de toda a América Latina e da Península Ibérica. Participou intensamente da *Revista Presença*, que reunia intelectuais de todo o Brasil e de orientações diversas, com o objetivo de refletir sobre o Brasil e suas perspectivas democráticas. Seu trabalho se desenvolve nas áreas de teoria política, democracia, pensamento ibero-americano, filosofia política e filosofia da linguagem. É autor de *Tradição e Artifício. Iberismo e Barroco na formação americana* (Editora UFMG, 2000, agora com nova, edição revista e ampliada, pelo Ateliê de Humanidades Editorial, 2025); e *Sinfonia Barroca: o Brasil que o povo inventou* (Ateliê de Humanidades Editorial, 2025).